

COMO FALA O NORDESTINO: A VARIAÇÃO FÔNICA NOS DADOS DO PROJETO ATLAS LINGÜÍSTICO DO BRASIL

Jacyra Andrade MOTA¹
UFBA/CNPq

RESUMO O Projeto Atlas Lingüístico do Brasil tem como objetivos a descrição e o mapeamento do português brasileiro, buscando identificar e demarcar as áreas dialetais. Para tal, prevê o registro de 1.100 informantes, em 250 localidades distribuídas por todo o território nacional. Do ponto de vista metodológico, insere-se na Geolingüística Pluridimensional Contemporânea, procurando contemplar, de modo sistemático, além da diatopia, outras dimensões como a diagenérica, a diageracional, a diastrática (com informantes dos dois gêneros, de duas faixas etárias e, nas capitais, de dois níveis de escolaridade) e a diafásica (com utilização dos questionários fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático e do registro de elocuições mais coloquiais, obtidas no desenvolvimento de temas sugeridos ao informante, ao final do inquérito). Apresenta-se, nesta comunicação, a análise do *corpus* registrado nas capitais nordestinas, referente às realizações dento - alveolares ou palatais do /t.d/ diante da vogal /i/ (*tia, dia*) ou depois da semivogal /j/ (*muito, doido*). Como resultados preliminares, destacam-se as diferenças entre o *falar nordestino* e o *falar baiano* e a ocorrência de subáreas, no *falar nordestino*. As variantes palatalizadas oferecem um quadro distinto, a depender do contexto fônico em que se inserem, com indícios de mudança em curso, em direção às variantes de maior prestígio: nas áreas em que se documentam maiores índices da palatalização do /t.d/ diante da vogal /i/, verifica-se um recuo da variante palatalizada depois da semivogal /j/. As variáveis gênero, faixa etária e escolaridade têm-se revelado, também, pertinentes.

PALAVRAS-CHAVE Atlas Lingüístico do Brasil; Falar Nordeste; Variação Fônica.

Introdução

O Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (Projeto ALiB) tem como objetivos a descrição e o mapeamento do português brasileiro, buscando identificar e demarcar as

¹ UFBA, Instituto de Letras, Departamento de Letras Vernáculas. Rua Barão de Geremoabo, s/n, *Campus Ondina*, 40.170-290, Salvador, Bahia, Brasil. jacymota@ufba.br

áreas dialetais. Para tal, prevê o registro de 1.100 informantes, em 250 localidades distribuídas por todo o território nacional.

Do ponto de vista teórico-metodológico, insere-se na Geolingüística Pluridimensional Contemporânea, procurando contemplar, de modo sistemático, além da diatopia, outras dimensões como a diagenérica, a diageracional, a diastrática (com informantes dos dois gêneros, de duas faixas etárias e, nas capitais, de dois níveis de escolaridade) e a diafásica (com utilização dos questionários fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático e do registro de elocuições mais coloquiais, obtidas no desenvolvimento de temas sugeridos ao informante, ao final do inquérito).

Apresenta-se, nesta comunicação, a análise do *corpus* do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (Projeto ALiB) registrado em capitais nordestinas, referente às realizações palatalizadas do /t, d/ diante da vogal palatal alta /i/ (*tia, dia*) ou depois da semivogal palatal /j/ (*muito, doido*).

Apesar de se tratar, nos dois casos, de variantes palatalizadas do /t, d/ — realizadas como oclusivas ou africadas — e da semelhança entre os contextos fônicos condicionadores — segmentos anteriores altos, vocálicos ou semivocálicos — essas variantes apresentam-se de modo diferente, tanto do ponto de vista da sua distribuição diatópica quanto dos fatores sociolingüísticos considerados. As realizações palatalizadas diante de /i/ são, no Nordeste, consideradas, em geral, como variantes de prestígio, ao contrário das realizações depois de semivogal palatal, identificadas como estereótipos, como se pode observar em comentários de informantes, como, por exemplo, “O pessoal do interior e de poca cultura fala no *petcho*², o sertanejo costuma falar *petcho*”, registrado ao informante masculino, universitário, de faixa 2, de Aracaju, após a elocução [‘pejtu], em resposta à questão “Em que parte da vaca fica o leite ?” (QSL 80).

² Para evitar problemas na impressão, evitou-se a utilização dos símbolos do alfabeto fonético internacional.

Silva Neto (1986, p.169), em capítulo dedicado às “pronúncias regionais”, considera a variante palatalizada depois de semivogal palatal como um “importante traço de um dialeto bastante conhecido: o baiano”, ressaltando, ainda, a sua ocorrência nos falares crioulos portugueses. Quanto à palatalização do /t, d/ diante de /i/, incluída entre os exemplos de “um certo relaxamento de articulação”, observa que:

A mudança de *-e* para *-i* acarretou uma série de palatalizações mais ou menos pronunciadas à proporção que se baixa ou se sobe na escala social; *fonti*>*fontši*, *poti*> *potši*, *podi* > *podži*, *verdade* >*verdadži*, *Chili* > *Chilhi*.

A mesma palatalização se verifica sempre que há *ti*, *di* (*mintira* > *mintšira*, *medida* > *midžida*, *tirar* > *tširar*, *tinta* > *tšinta*) ou *ti*, *di* (*pentiar* > *pentšiar*, *lendia* > *lendžia*).

Nos crioulos, onde o *-e* final igualmente passou a *-i*, operou-se igual palatalização (p. 162).

A amostra aqui analisada consta de 48 informantes, oito em cada capital — Salvador, Aracaju, Recife, Maceió, João Pessoa e Teresina —, distribuídos, de acordo com a metodologia do Projeto ALiB, pelos dois gêneros, por duas faixas etárias — a primeira de 18 a 30 anos e a segunda de 50 a 65 anos — e por dois graus de escolaridade — fundamental incompleto e universitário.

Foram analisados os questionários fonético-fonológico (QFF), semântico-lexical (QSL) e os temas para discursos semidirigidos, sugeridos ao final do inquérito, de acordo com os questionários do Projeto ALiB (Cf. AGUILERA et al., 2001). Para os casos de *tch*, *dj* depois de semivogal, fato menos freqüente por se restringir a um número reduzido de vocábulos que apresentam o contexto favorecedor (*muito*, *doido*,

prefeito, peito), incluíram-se também ocorrências a propósito do questionário morfossintático (QMS).

Para a análise quantitativa utilizou-se o pacote de Programas Varbrul.

O levantamento e a análise preliminar dos dados foram realizados pelas bolsistas de Iniciação Científica Laiza Pinto, Milena Pereira de Souza (ambas CNPQ - Balcão) e Andréa Mafra Oliveira dos Santos (PIBIC-UFBA).

Variação diatópica

Com relação à variação diatópica, verifica-se que as capitais nordestinas estudadas podem ser distribuídas em dois grupos, a depender da maior ou menor presença das variantes palatalizadas em cada um dos contextos, como se observa a seguir.

Palatalização do /t,d/ diante de vogal palatal alta (/i/)

Encontram-se, em um grupo, aqui identificado como 1, as capitais que se caracterizam pela articulação predominantemente palatal das consoantes oclusivas /t, d/ diante de /i/, em vocábulos como *tio, dia*, como Salvador (com realização categórica de variantes palatais) e Teresina (com 95% de palatais e 0,98 de peso relativo), como se observa na Tabela 1.

Tabela 1 - Variação Diatópica: /t,d/ diante de /i/. Grupo 1

Capitais	Variantes palatais		
	No. /total	%	Peso relativo
Salvador	618/618	100	---
Teresina	628/664	95	0,98

Significância: 0,020.

Incluem-se em um segundo grupo as capitais em que predomina a articulação dental diante de /i/, como Aracaju, Recife, João Pessoa e Maceió, registrando-se, portanto, índices baixos para as variantes palatais, tanto percentuais (21%, 19%, 13% e 8%, respectivamente) quanto de pesos relativos (entre 0,35, 0,34, 0,25 e 0,14, respectivamente), como se verifica na Tabela 2.

Tabela 2 - Variação Diatópica: /t,d/ diante de /i/. Grupo 2

Capitais	Variantes palatais		
	No. /total	%	Peso relativo
Aracaju	107/504	21	0,35
Recife	110/587	19	0,34
João Pessoa	93/702	13	0,25
Maceió	43/564	8	0,14

Significância: 0,020.

Palatalização do /t, d/ depois de semivogal palatal (/j/)

Quanto à palatalização depois da semivogal /j/, observam-se os dois grupos:

Grupo 1, constituído pelas capitais com índices mais elevados, percentuais e de pesos relativos, das chamadas “africadas baianas”, como Maceió e Aracaju (60% e 27%, com pesos relativos de 0,88 e 0,56, respectivamente). Cf. Tabela 3.

Tabela 3 - Variação Diatópica: /t,d/ depois de /j/. Grupo 1

Capitais	Variantes palatais		
	No. /total	%	Peso relativo
Maceió	275/455	60	0,88
Aracaju	84/316	27	0,56

Significância: 0,010.

Grupo 2, formado pelas capitais em que as variantes palatais, nesse contexto, ocorrem com percentuais e pesos relativos insignificantes, como João Pessoa, Recife, Salvador (13%, 11% e 10%, com pesos relativos de 0,31, 0,27 e 0,22, respectivamente) e Teresina, onde foram registrados apenas dois casos de variantes palatais, o que inviabilizou a sua inclusão no Varbrul. Vale salientar que esses dois casos foram documentados em elocuições pouco monitoradas pelos falantes. Cf. Tabela 4.

Tabela 4 - Variação Diatópica: /t,d/ depois de /j/. Grupo 2

Capitais	Variantes palatais		
	No. /total	%	Peso relativo
João Pessoa	24/179	13	0,31
Recife	48/437	11	0,27
Salvador	32/322	10	0,22
Teresina	2/153	1,3	---

Significância: 0,010.

Variação diageracional, diastrática e diagenérica

Em ambos os casos, podem-se detectar mudanças em curso, em direção às variantes prestigiadas e rejeição às variantes estigmatizadas, observadas a partir das ocorrências nas duas faixas etárias consideradas pelo Projeto ALiB.

A variação diastrática, a partir do grau de escolaridade, e a diagenérica vêm confirmar o prestígio da variante palatalizada diante de /i/ e a estigmatização das chamadas africadas baianas.

No caso da palatalização diante de /i/ (*tio*, *dia*), destaca-se Aracaju, localidade em que se encontram, na faixa etária 1, índices, tanto percentuais quanto de peso relativo (34% e 0,54 de peso relativo), mais elevados do que na faixa 2 (com apenas 10% e 0,14 de peso relativo). Nas outras localidades, é insignificante a diferença entre as duas faixas e em Recife é a faixa 2 que apresenta índice mais elevado.

Em Aracaju observa-se também a preferência pelas palatais diante de /i/ por falantes femininas (com 35% e 0,57 de peso relativo, enquanto os informantes masculinos apresentam 5% e 0,10 de peso relativo) e por universitários (com 35 % e peso relativo de 0,55, ao contrário dos de nível fundamental, com 2 % e 0,05 de peso relativo). Cf. tabela 5.

Tabela 5 – Variantes palatais diante de /i/ em Aracaju

Variantes palatais diante de /i/ em Aracaju											
Faixa etária				Gênero				Escolaridade			
1		2		Masculino		Feminino		Fundamental		Universitária	
%	p.r.	%	p.r.	%	p.r.	%	p.r.	%	p.r.	%	p.r.
34	0,54	10	0,14	5	0,10	35	0,57	2	0,05	35	0,55

Significância: Faixa etária = 0,003; Gênero = 0.045; Escolaridade = 0,013.

Com relação ao contexto formado pela semivogal /j/ precedente (*muito, doído*), observa-se, em todas as capitais (ao contrário do que ocorre no caso da palatalização diante de /i/), que é a faixa 2 que apresenta índices mais relevantes das variantes palatais, enquanto a faixa 1 já prefere as variantes dento-alveolares, características da norma padrão, o que indica uma mudança em direção às não-palatais, mesmo nas capitais, como Maceió e Aracaju, em que as palatais predominam nesse contexto, como se observa na tabela 6.

Tabela 6 - Variação Diatópica e diageracional: /t, d/ depois de /j/

Capitais	Faixa etária	Variantes palatais		
		No. /Total	%	Peso relativo
Maceió	I	36/154	23	0,55
	II	239/301	79	0,95
Aracaju	I	17/121	14	0,43
	II	67/195	34	0,66
João Pessoa	I	4/68	6	0,19
	II	20/111	18	0,42
Recife	I	11/154	7	0,17
	II	37/283	13	0,36
Salvador	I	1/108	1	0,04
	II	31/214	14	0,35

Significância: 0,015.

Quanto à variação diastrática, a partir do grau de escolaridade, à exceção de Maceió, onde a presença das palatais depois da semivogal /j/ ainda é muito grande (60%

e 0,88 de peso relativo, cf. tabela 3), são os falantes de nível fundamental que mais utilizam as variantes palatais depois da semivogal palatal, o que mostra o seu caráter estigmatizado e a rejeição por parte dos indivíduos de maior grau de escolaridade, especialmente em situação de fala não espontânea. Isso se verifica principalmente em Aracaju, onde é bastante expressiva a diferença entre os dois níveis (com 48% e 0,81 de peso relativo nos informantes de nível fundamental e apenas 4 ocorrências (3%) e peso relativo de 0,12 nos universitários), mas pode ser observado também em Recife (com 16% e 0,49 de peso relativo, nos de nível fundamental, e 4% e 0,12, nos universitários) e em Salvador (com 17% e 0,42 de peso relativo nos indivíduos de nível fundamental e duas ocorrências, que correspondem a 1% e 0,06 de peso relativo, nos universitários). Cf. Tabela 7.

Tabela 7 - Variação diatópica e escolaridade: /t,d/ depois de /j/

Capitais	Escolaridade	Variantes palatais		
		No. /Total	%	p.r.
Aracaju	Fundamental	80/168	48	0,81
	Universitário	4/148	3	0,12
Recife	Fundamental	41/250	16	0,49
	Universitário	7/187	4	0,12
Salvador	Fundamental	30/172	17	0,42
	Universitário	2/150	1	0,06

Significância: 0,014.

A variação diagenérica é importante em Aracaju, João Pessoa e Salvador, onde se encontram índices mais elevados das variantes palatais nos informantes do sexo masculino, confirmando a tendência, observada em diversas pesquisas, de as mulheres

utilizarem, com maior frequência, as variantes de prestígio, nos casos das chamadas “mudanças de cima para baixo”, de acordo com o princípio explicitado por Labov (2001, p. 274) no capítulo sobre “O paradoxo do gênero”. Cf. Tabela 8.

Tabela 8: Variação diatópica e variação diagenérica: /t,d/ depois de /j/

Capitais	Gênero	Variantes palatais		
		No. /Total	%	Peso relativo
Aracaju	Masculino	40/136	29	0,61
	Feminino	44/180	24	0,54
João Pessoa	Masculino	15/78	19	0,54
	Feminino	9/101	9	0,17
Salvador	Masculino	23/113	20	0,43
	Feminino	9/209	4	0,09

Significância: 0,015.

Considerações finais

Como resultados, destacam-se:

1. Distribuição distinta, tanto do ponto de vista geolingüístico, quanto do sociolingüístico, das realizações palatalizadas, a depender do contexto fônico em que se inserem.
2. Considerando a divisão dialetal proposta por Nascentes (1953), semelhanças entre o *falar nordestino* e o *falar baiano*, a partir da predominância das variantes de prestígio em Teresina e Salvador.
3. Delimitação de três subáreas, no *falar nordestino*, a saber:

a) Área em que se verifica a presença das variantes de maior prestígio, isto é, oclusivas ou africadas palatalizadas diante da vogal alta /i/ e índices baixos (de frequência e pesos relativos) de palatais depois da semivogal /j/, como Teresina.

b) Áreas com índices baixos de variantes palatalizadas nos dois contextos, como Recife e João Pessoa.

c) Áreas em que há presença das variantes de menor prestígio, isto é, realizações dentais diante de /i/ e, conseqüentemente, índices baixos de palatais nesse contexto, encontrando-se, por outro lado, índices significativos de africadas palatais depois da semivogal /j/, como Maceió e Aracaju.

4. Índícios de mudança em curso, principalmente em Aracaju, em direção às variantes de maior prestígio: realizações palatalizadas diante da vogal palatal alta (/i/), e preferência pelas dento-alveolares depois da semivogal palatal (/j/), sobretudo em informantes mais jovens e de escolaridade universitária.

O prosseguimento da análise do *corpus* do Projeto ALiB com relação à palatalização do /t, d/, nos dois contextos, já em andamento, virá, certamente, acrescentar novos dados, contribuindo para um maior conhecimento do português do Brasil, atendendo assim a um dos principais objetivos do Projeto.

Referências bibliográficas

AGUILERA, Vanderci et al. (2001). **Atlas Lingüístico do Brasil**. Questionário 2001. Londrina: UEL.

LABOV, William (2001). **Principles of linguistic change**. v. 2: Social factors. Massachusetts: Blackwell.

NASCENTES, Antenor (1953). *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Simões.

SILVA NETO, Serafim da (1986). *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: MEC-Instituto Nacional do Livro.